

RAÇA E GÊNERO EM *MELANCTHA*, DE GERTRUDE STEIN

RACE AND GENDER IN *MELANCTHA* BY GERTRUDE STEIN

Yasmine Sthefane Louro da Silva¹

RESUMO: O presente trabalho resulta de um projeto de pesquisa que visa analisar, sob a perspectiva discursiva, uma novela da obra *Três Vidas*, da escritora norte-americana Gertrude Stein. Para isso, foi selecionado o conto *Melanctha*, título homônimo à protagonista. O objetivo da pesquisa é compreender como a obra segmenta os seus personagens por meio de *atributos* designados a cada um deles a partir de sua etnia. A fundamentação teórica será norteada através da articulação de um diálogo entre os estudos culturais, como Woodward (2000), e teorias feministas de Bell Hooks (1981;2000) e Angela Davis (1982). Para a análise, mobilizamos as contribuições da teoria semiótica nos trabalhos de Barros (2005) e Fiorin (2008). A transitoriedade que Melanctha realiza entre os supostos benefícios que a sua pele mais clara oferece e a busca constante pela aceitação da comunidade negra na qual vive é o que evidencia o limbo étnico, o entre-lugar, que preenche o cotidiano da protagonista. Como resultados finais, compreendemos que a obra utilizou-se de representações pós-escravidão em que foram submetidos negros e negras pela população branca, expondo-os a situações tão revoltantes e subumanas quanto à escravidão que viveram outrora.

PALAVRAS-CHAVE: Melanctha; Gertrude Stein; Representação; Identidade; Semiótica.

ABSTRACT: This research result from a project that aims to analyse, on discursive perspective, a novel from *Three Lives*, by Gertrude Stein, north-american writer. The research objective is to understand how the book separate its characters by their characteristics given to them by their race. The theoretical validity is based by cultural studies dialog, as Woodward (2000) and feminists theories by Bell Hooks (1981;2000) and Angela Davis (1982). To the analysis, we get semiotic theory contribution by Barros (2005) and Fiorin (2008). Melanctha's transitory among assumed benefits by her light skin and her constant search for black community's acceptance where she lives it's what shows the ethnic limbo, the *entre-lugar* where she is. As final results, we get that its characters not only had racial stereotypes that reminds from slavery where laws and segregation was built among the citizens, but also used post slavery representation which black people were subject by white population, exposed to insulting and subhuman situations, as horrid as slavery.

KEYWORDS: Melanctha; Gertrude Stein; Representation; Identity; Semiotic.

¹ Mestranda em Letras na Universidade Federal do Tocantins – Brasil. E-mail: yasminelouro@outlook.com.

1. Introdução

Ambientado no mais contraditório dos lugares para narrar a história de uma mulher afro-americana, *Melanctha*, novela escrita por Gertrude Stein e publicada em 1909 em seu primeiro livro, *Três Vidas*, consegue albergar em sua narrativa as múltiplas questões sociais que estavam em discussão no início do século XX.

Os Estados Unidos do início dos anos 1900 tentavam assimilar as mudanças ocorridas desde a Terceira Guerra Civil Americana, conhecida também como a Guerra da Secessão. Utilizando o conflito armado entre Norte e Sul como alternativa para decidir o futuro do país, as consequências não foram benéficas para nenhum dos lados – pois a defesa pela abolição da escravidão pelos ianques nada mais era do que a tentativa de industrializar o sul. Portanto, à medida que os negros viam-se libertos dos senhores do Sul e migravam para o Norte com a esperança de melhores condições de vida, mais desgostosos ficavam os ianques, tendo em vista que os negros não possuíam instrução para ocupar os cargos pelos quais demonstravam interesse (Karnal, 2007).

Além do mais, o século XX também trouxe uma impactante onda de imigrantes para o país, pessoas pobres de todos os cantos do mundo viam a oportunidade de mudar de vida nos Estados Unidos. Mesmo que grande parte dos estadunidenses não vissem com bons olhos o aglomerado de estrangeiros que procurava preencher as vagas de trabalho, eles eram ainda melhores do que os negros que estavam ali há séculos, sem educação básica (Karnal, 2007).

Portanto, de acordo com Karnal (2007), naquela primeira década do “século progressista”, havia segregação formal e informal da população negra e políticas discriminatórias para imigrantes, além de uma resistência a reconhecer o gênero feminino como indivíduos mentalmente capazes.

Enquanto isso, Gertrude Stein realizava o seu estágio na ala de obstetrícia do John Hopkins Medical School, um conceituado hospital universitário localizado em Baltimore, Maryland, no sul dos Estados Unidos. De descendência alemã, preenchia diariamente os relatórios sobre os pacientes enquanto ouvia-lhes narrar como foram parar ali. Normalmente, Stein atendia imigrantes que mal falavam inglês ou negros com um vocabulário cheio de gírias. Posteriormente, Stein explicou que os prontuários do John Hopkins Medical School foram o seu principal modelo de escrita e inspiração para *Três Vidas*. Contudo, uma paixão não-correspondida nascida no hospital foi tema não apenas para *Melanctha*, mas também para o primeiro esboço da história, intitulado *Q.E.D.*.

De acordo com Malcom (2008), a retórica de Stein sobre igualdade não pode ser vista como “esquerdismo”, pois mesmo sendo uma mulher lésbica, descendente de imigrantes alemães, Stein defendia ferrenhamente a inferioridade feminina, não apenas em rodas de conversas, mas em suas obras. Em seu livro *Paris França*, onde Stein divaga sobre o seu amor imortal pela cidade luz, há uma passagem onde declara que mulheres já tem muito o que pensar, portanto, o sufrágio é uma responsabilidade dispensável.

A novela *Melanctha* suscita reflexões sobre a sua construção ideológica e quão realista apresenta-se o plano de fundo da narrativa, desde que a cidade onde os acontecimentos ocorrem é localizada em um estado do Sul dos Estados Unidos. A veracidade histórica, portanto, pode ser facilmente contestada quando se tem conhecimento das leis Jim Crow, ou leis de segregação, adotadas em 1890.

Mesmo que não tenhamos a capacidade ou os meios para deduzir os motivos por trás da produção de *Melanctha*, os dias atuais possuem teóricos capazes de fundamentar análises para as múltiplas camadas apresentadas pela narrativa. Além disso, a verossimilhança da narrativa pode ser questionada quando, no mesmo lugar que o narrador indica que, supostamente, Melanctha possuiria liberdade o suficiente para agir como bem entendesse, o século XX iniciou-se com uma estatística de 214 linchamentos realizados por organizações racistas nos Estados Unidos apenas nos seus dois primeiros anos (Karnal, 2007).

A presente pesquisa tem como objetivo geral compreender a disposição de personagens mediante a sua representação explicitada pelo narrador na obra *Melanctha*, de Gertrude Stein, reconhecendo se há ou não uma sugestão de segregação racial, mantida pela ambiguidade e subjetividade da narrativa. Para isso, apresenta três seções: a primeira, *Signos, símbolos e discurso*, apresenta a metodologia trabalhada, a semiótica greimasiana; a segunda, *Uma comunidade fragmentada*, introduz ao leitor as personagens que tentam influir no percurso de Melanctha; a terceira, as *Considerações finais*, exploram o potencial discursivo do enunciado.

2. Signos, símbolos e discurso

A metodologia é embasada na semiótica estruturalista de Greimas, que busca fundamentar o estudo dos signos mediante o percurso gerativo de sentido. Sendo a narrativa, para Greimas, um discurso expresso de forma figurativa, é utilizado, primeiro, o Quadrado Semiótico de Greimas para identificar um denominador comum entre dois termos, sendo, nesta pesquisa, a polaridade *negro x branco* (Barros, 2005).

Tal processo é enquadrado no nível fundamental, pois, posteriormente, a partir da seleção dos vocábulos que mais aparecem na narrativa, pode-se obter material para a realização da análise por meio da asserção e da negação, desde que os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeitos graças à ação também de sujeitos (Barros, 2005).

Após determinado o vocábulo que simboliza o denominador comum, serão realizadas as três etapas do percurso gerativo de sentido, sendo a primeira etapa a das estruturas fundamentais, com o objetivo de obter a significação como uma oposição semântica mínima; a segunda etapa, privilegiada nesse artigo, ou *nível das estruturas narrativas*, organiza-se a narrativa pelo ponto de vista do sujeito; a terceira e última etapa é a das estruturas discursivas, em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação (Barros, 2005).

Como parte da análise no nível narrativo, temos as fases de uma narrativa complexa, divididas em manipulação, competência, performance e sanção (BARROS, 2005). O objetivo da divisão da narrativa em fases é justificar o seu desenvolvimento por meio de acontecimentos com posteriores consequências. Portanto, como resultado da exploração da narrativa em microanálises, o último nível, sendo este o discursivo, podemos concluir qual a intenção original do emissor e qual a compreensão do receptor.

Ao longo da narrativa de *Melanctha*, com o método narrativo de repetição de sentenças, constrói-se as ideias por meio da repetição. Logo, partindo da análise das expressões repetidas ao longo do texto, assim como das palavras repetidas na descrição das personagens, pretende-se obter o sentido proposto pelo narrador no nível discursivo fundamental.

3. Rivalidade feminina em *Melanctha*

As três novelas de *Três Vidas* são ambientadas em uma cidade fictícia, Bridgepoint, supostamente localizada no Sul dos Estados Unidos. As duas novelas responsáveis por narrar a vida das protagonistas imigrantes, as alemãs *A boa Ana* e *A doce Lena*, não apresentam convívio com pessoas negras, nem mesmo a menção a um transeunte na rua. É apenas em *Melanctha* que o leitor tem contato com a parte negra da cidade. Além do mais, ambas as novelas agregam adjetivos positivos às suas protagonistas, enquanto que, em *Melanctha*, é intitulado apenas com o nome da protagonista.

A narrativa apresenta Melanctha, uma mulher negra de pele clara, e os percalços que passa para ser reconhecida como membro da comunidade. Nas duas outras novelas que compõem o livro, questões intrinsicamente ligadas ao gênero, como maternidade compulsória e a luta de classes, como salários irrisórios para trabalhos árduos, são expostos como martírios que as personagens deveriam enfrentar para que pudessem adquirir uma espécie de auréola divina, pois o narrador demonstra empatia no decorrer das narrativas.

Porém, em *Melanctha*, a discussão sobre gênero é subvertida e gera uma rivalidade feminina acerca da moralidade sob a ótica dos preceitos religiosos. O aspecto racial da narrativa é o mais nítido e o que se expressa com maior força, pois o narrador mantém o leitor em constante lembrete a respeito da etnia das personagens, como se a proporção de melanina em sua pele fosse influenciar no seu caráter.

A narrativa, portanto, desenvolve-se a partir da diferença que Melanctha representa na comunidade negra que vive; inicialmente, é apenas a sua pele mais clara a razão do suposto incômodo, porém, ao longo da apresentação de sua infância e adolescência, o narrador indica que os seus hábitos e relações sociais, além de incomuns, eram mal vistos para uma mulher, naquele período.

Mesmo que sua pele clara representasse um privilégio em meio à comunidade negra, pois, “a branquidade é um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial” (WARE, 2004, p. 312), suas atividades consideradas imorais, tais como a aproximação com o cocheiro John, quando menina, ou o *affair* com Jane Harden, uma mulher mais velha, escandalizavam a comunidade na qual vivia sob os preceitos do moralismo branco; só a partir disso os negros poderiam obter respeito, desde que “a branquidade é atravessada por uma gama de outros eixos de privilégio e subordinação” (WARE, 2004, p. 312). Portanto, o machismo seria uma ferramenta de exclusão, assim como a homofobia.

Esses comportamentos excludentes, como a constante tentativa de Rose “acalmar” Melanctha, são respaldados pelo viés religioso, pois as duas encontraram-se pela primeira vez na igreja e voltaram a se encontrar quando Melanctha, atormentada pelo homem que achava que amava, Jeff Campbell, procurou novamente a Deus, “Melanctha Herbet, quando chegara no auge da crise com Jeff Campbell, começara a frequentar aquela igreja onde encontrara Rose pela primeira vez, a qual iria casar mais tarde, regularmente, com Sam Johnson” (STEIN, 1983, p. 183).

A narrativa coloca Rose como o oposto de Melanctha, um exemplo a ser seguido pela protagonista para encaminhar-se para a decência e moralidade, utilizando-se da religião para obtenção de respeito social, mesmo que não acreditasse nisso:

Rose Johnson e Melanctha Herbert conheceram-se, uma noite, na igreja. Rose Johnson não se interessava muito por religião. Não era suficientemente emotiva para que as cerimônias religiosas pudessem impressioná-la muito. Quanto a Melanctha Herbert, ainda não havia aprendido a valer-se da religião. Contudo, ambas, como é costume entre os negros, iam com frequência à igreja negra acompanhadas de todos os seus amigos (STEIN, 1983, p. 85).

É tanta a legitimidade religiosa buscada pelo narrador para corroborar os eventos da vida de Melanctha que, diferente das outras duas narrativas, *Melanctha* possui subtítulo — “Cada qual como Deus fez”. Sendo assim, o narrador tenta justificar a partir da assimilação religiosa que, além de incorreta, Melanctha seria incapaz de mudar de vida, pois “Deus a fez assim”.

De acordo com Milton A. Cohen (*apud* Gale, 1999, p. 14), “in Stein’s effort to make use of William James’s theories of basic personality types, she assumes connections among racial heritage, skin color and inborn character traits”². É, portanto, baseado em estudos eugenistas que o narrador encontra o seu pilar argumentativo para desenvolver personalidades controversas.

Nas novelas das alemãs não há uma tentativa de invalidá-las, enquanto indivíduos não-estadunidenses, mas são recorrentes falas, em *Melanctha*, que contestam a legitimidade de sua etnia, seja por “ter sangue branco”, como afirmam incessantemente os negros, seja por ser negra, como afirmam os brancos.

E como pano de fundo, não há nada. Nada sobre os linchamentos recorrentes no período, ou sobre os negros no Congresso que tentavam derrubar a segregação racial. A inverossimilhança de *Melanctha* é ousada ao retratar uma mulher negra sem trabalho, sem marido, sem posses, mas que circula pela cidade como se tudo lhe pertencesse. Além do mais, a branquidade presente na novela apresenta-se frequentemente na relação entre Melanctha e Rose, a amiga negra que ignora a vida conturbada de Melanctha por comodismo, como em “mas por que a sutil, inteligente, atraente, meio branca Melanctha se rebaixava a fazer as vezes por aquela preguiçosa, estúpida, ordinária e egoísta moça negra [Rose]?” (STEIN, 1983, p. 184) ou “Rose sabia muito bem, não era negra da espécie comum, pois fora criada por gente branca” (STEIN, 1983, p. 184).

De acordo com Ware (2004, p. 24), “a branquidade é um *locus* de elaboração de uma gama de práticas e identidades culturais, denominadas como normativas, em vez de especificamente raciais”. Logo, em um período conturbado para a comunidade negra, com leis de segregação e

² “No esforço de Stein fazer uso das teorias de tipos básicos de personalidade de William James, ela deduz conexões entre herança racial, cor de pele e traços inatos de personalidade.”

possibilidade de linchamentos, ter alguma conexão que as tornasse “mais brancas” era, supostamente, uma alternativa para fugir da ameaça do sistema. Contudo, tal atitude era tomada de forma inconsciente e automática, pois havia orgulho em ser negro, mesmo que isso representasse uma ameaça. A branquidade é mais facilmente associada com o moralismo religioso, pois as mulheres negras foram continuamente acusadas de seduzir homens brancos, mesmo em situação de escravidão, e os homens negros carregavam a alcunha de estupradores.

De acordo com Davis (2016), com a crescente ideologia da feminilidade no século XIX, as mulheres que se tornavam mães adquiriam o prestígio da ideia da maternidade enquanto símbolo de proteção e cuidado. Porém, mulheres negras escravizadas não gozavam de tal respeitabilidade, pois “eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação de força de trabalho escrava” (DAVIS, 2016, p. 19). Após a abolição da escravidão, a família negra estava em pedaços, tanto que alguns sociólogos afirmam que apenas os laços matrifocais, ou seja, entre mãe e filho, podem ser atestados como fortes o suficiente para perdurarem.

Infelizmente essa não foi a única herança provinda da escravidão. Um século depois da abolição da escravidão, mulheres negras ainda eram contratadas para serviços domésticos, pois eram vistas como ineptas e promíscuas. Porém, segundo Davis (2016), esses estigmas são mitos que reforçam os trabalhos degradantes a que são submetidas as mulheres negras. Isso porque, durante os quatro séculos de escravidão nos Estados Unidos, os homens brancos, proprietários de mulheres negras escravizadas utilizavam o estupro como um reforço do poder que tinham sobre elas. Para Davis (2016, p. 180):

A escravidão se sustentava tanto na rotina do abuso sexual quanto no tronco e no açoite. Impulsos sexuais excessivos, existentes ou não entre os homens brancos como indivíduos, não tinham nenhuma relação com essa verdadeira institucionalização do estupro. A coerção sexual, em vez disso, era uma dimensão essencial das relações sociais entre senhor e escrava. Em outras palavras, o direito alegado pelos proprietários e seus agentes sobre o corpo das escravas era uma expressão direta de seu suposto direito de propriedade sobre pessoas negras como um todo. A licença para estuprar emanava da cruel dominação econômica e era por ela facilitada como marca grotesca da escravidão.

Portanto, enquanto a escravidão era mantida sobre pilares de dominação racial e sexual, a população branca e dominante deu início à construção de mitos para segmentar e segregar ainda mais os negros. Para os homens negros, a alcunha de bestiais, desde que supostamente possuíam “compulsões sexuais irresistíveis e animais” (DAVIS, 2016, p. 186); para as mulheres negras,

séculos de estupros seguidos resultaram em uma negligência com o próprio corpo, passando a enxergarem-se tal qual o Sul a via, como uma mulher promíscua e fácil (DAVIS, 2016, p. 186).

Esses mitos sobrevivem até o século XXI, mas, no início do século XX, causaram estragos indelévels por impossibilitar a entrada de mulheres negras no mercado de trabalho formal, como professoras, ou restringindo-as ao serviço doméstico enquanto babás, cozinheiras ou diaristas.

4. Uma comunidade fragmentada

A protagonista Melanctha Herbert é membra ativa da comunidade negra em Bridgepoint, que a creditava como uma de suas melhores mulheres de cor, pois a sua beleza clara a tornava respeitável. Porém, os hábitos assumidos por ela ao longo dos anos, tais como relacionar-se com inúmeros homens sem declarar um relacionamento estável ou com pessoas brancas de má índole, sejam homens ou mulheres lésbicas, delegou-a ao ostracismo social e Melanctha tornou-se *persona non grata* em seu próprio lar.

Entretanto, como a narrativa apresenta essa sequência de fatos? Para a análise do nível narrativo, portanto, é necessário definir o posicionamento das personagens na narrativa, partindo do seu sujeito. Sendo Melanctha esse sujeito, é preciso definir o enunciado da narrativa.

Compreendendo que as personagens são posicionadas para gerar transformação em Melanctha, seja ideológica e/ou comportamental, a narrativa apresenta o enunciado de fazer (Barros, 2005). Logo, o percurso narrativo tem seu início quando James Herbert, um dos destinadores-manipuladores de Melanctha, e seu pai, tenta interferir em sua forma de ver o mundo, quando interrompeu as suas relações com John, o cocheiro. A manipulação ocorre por meio de ameaças e críticas à forma de Melanctha agir. James Herbert utiliza-se de valores modais atribuídos ao medo, pela intimidação, mas o que consegue obter é o desprezo da filha, causando uma disjunção entre personagens quando Melanctha perde o total interesse pelo destino do pai (Stein, 1983).

Após o período turbulento de sua puberdade, Melanctha conheceu outro de seus destinadores-manipuladores, Jane Harden, que tentou lhe inserir valores modais a partir da paixão. Melanctha, inclusive, tentou seguir-lhe os passos, “mas constatou que não se interessava muito por eles” (STEIN, 1983, p. 100). A relação das duas durou dois anos, nos quais Melanctha muito aprendeu; porém, Jane afogava-se no alcoolismo e nos ciúmes de não conseguir controlar Melanctha. Houve o rompimento, a disjunção, e todo o amor que Jane nutriu por Melanctha transformou-se em rancor.

Então, por fim, Melanctha travou relações com Jefferson Campbell, o seu maior destinador-manipulador. Ele tratou de Mis Herbert, mãe de Melanctha, em sua doença repentina e havia tratado de Jane Harden, em suas crises relacionadas ao álcool, portanto, ele conheceu Melanctha previamente e ignorava-a por puro escárnio desde que “jamais achara que ela fosse coisa boa” (STEIN, 1983, p. 106). Contudo, as conversas que mantinham durante o tratamento de sua mãe, conversas essas as quais abordavam temáticas profundas que ele nunca esperou serem propostas por ela, o agradaram ao ponto de que ele continuasse a visitá-la, mesmo após a morte de sua mãe.

Diferente dos outros, que tentavam mudar o comportamento de Melanctha para, o que eles acreditavam ser, o seu próprio bem, Jeff Campbell sugeriu mudanças em Melanctha por causa da “insegurança” dentro dele mesmo, como em “Jeff agora adorava a companhia de Melanctha, mas, não obstante, detestava ir vê-la. De certo modo, sentia-se sempre temeroso quando estava em companhia dela; contudo, procurava esforçar-se por não agir como um covarde” (STEIN, 1983, p. 85).

Apesar de seu ótimo relacionamento com Melanctha, Jeff temia a inteligência e espírito-livre da mulher, pois a tranquilidade em seu modo de agir fazia-o concluir que ela possuía muita experiência e que, para ela, ele era mais um entre os vários homens em seu poder. Então Jeff tenta mudá-la a partir da intimidação, como em

às vezes, você é para mim uma moça em que eu jamais poderia confiar. Você tem um riso duro, áspero, e age de maneira tão má que eu mal posso acreditar que você seja assim e, no entanto, isso que estou lhe dizendo é como eu às vezes a vejo, e como sua mãe e Jane Harden sempre pensavam que você é, e é isso que me faz odiar sempre aproximar-me de você (STEIN, 1983, p. 131).

É a partir da intimidação que Jeff continuamente tenta invalidar Melanctha enquanto mulher, pois utiliza informações que possui contra ela e, pela manipulação, tenta fazê-la acreditar que nenhum outro homem poderia “assumi-la” legalmente, casar-se com ela, pois seria uma vergonha completa para todos.

Ao mesmo tempo que Jeff se utiliza de dispositivos modais passionais de amor, como em “você é sem dúvida muito boa para mim, Melanctha meu bem, eu tão mau para você sempre, no meu modo de agir” (STEIN, 1983, p. 150), mas, quase sempre, Jeff utiliza-se de modais de medo, assim como em “não me parece que você tenha sido justa nem muito compreensiva com o que

tive de sofrer para continuar sempre a acreditar e confiar em você” (STEIN, 1983, p. 138), pois sua insegurança perante uma mulher bem-resolvida tirava-o do controle, sempre.

O comportamento tóxico de Jeff tentou continuamente mudá-la pelo medo e, assim como os outros, Melanctha optou por ignorá-lo e afastá-lo, segundo ela, pois “não posso negligenciar as outras pessoas só para ver você” (STEIN, 1983, p. 171). As relações em *Melanctha* são sempre de disjunção, e o contrato proposto inicialmente por Jeff, por não ter sido respeitado, foi rompido.

Portanto, com as tentativas realizadas pelos destinadores-manipuladores concluídas, surge o destinador-julgador, Rose, que apesar de ter sido apresentada no início da narrativa, por sua própria linha temporal, Rose tem contato com Melanctha apenas em sua fase adulta.

Rose é introduzida na narrativa em conjunto com o fator religioso, pois ela e Melanctha se conhecem na igreja. Diferente dos outros, Rose impõe a Melanctha os valores modais de dever e poder fazer, desde que age socialmente com determinada índole, por aparências, e acredita que apenas dessa forma mulheres negras podem ser respeitadas, pois “Rose possuía um sentido muito sólido do que fosse conduta apropriada” (STEIN, 1983, p. 184).

Dessa forma, quando Melanctha demonstrou não ter interesse nenhum em mudar, pois o que a atraía em Rose era a amizade desinteressada, Rose decidiu impor-lhe a modalização do fazer-fazer, que é quando o destinador comunica ao sujeito-destinatário os valores modais para que os realize (Barros, 2005). As “sugestões” começam simples e cheias de locais comuns, como “tenho certamente de dizer-lhe que você está errada em agir assim com essa espécie de sujeitos” (STEIN, 1983, p. 191), porém, logo evoluíram para “se ela está noiva dele, Sam, não tem direito de mostrar-se tão excitada” e “essa não é a maneira decente de uma moça agir” (STEIN, 1983, p. 201). E, mesmo que Melanctha ajudasse Rose no nascimento e morte de seu primogênito, não demorou para que Rose demonstrasse a sua insatisfação, “acho, Melanctha, que não é de maneira alguma correto você vir aqui ver-me” (STEIN, 1983, p. 210).

Por Melanctha não aceitar as interferências de Rose, a disjunção ocorre e, conseqüentemente, conclui-se que Melanctha possui uma performance independente enquanto sujeito, pois age e produz seus próprios valores, ignorando a manipulação de destinadores que lhe aparecem no caminho.

Portanto, para a proposta inicial do narrador para desenvolvimento da competência de Melanctha, que era transformar os hábitos de Melanctha, previamente definidos como impróprios para uma mulher *quase* branca, conclui-se, obviamente, com uma sanção negativa, ou seja, de desmascaramento ou punição. No caso de *Melanctha*, punição, desde que após Rose afastá-la de seu círculo íntimo e começar a difamá-la para a comunidade, “não, Melanctha não vem mais aqui,

depois que tivemos todos aqueles aborrecimentos com o modo tão errado de ela comportar-se com a tal espécie de homens com quem gostava de andar” (STEIN, 1983, p. 213). Melanctha, uma mulher forte e sadia, subitamente adoeceu e, após uma convalescença rápida, voltou ao hospital para descobrir que estava tísica. Sozinha e doente, morreu em um asilo para pobres tuberculosos (Stein, 1983).

A narrativa constrói um cenário no qual sua protagonista não é bem-quista em seus hábitos, nem por seus próprios pais, nem por pessoas que, normalmente, iriam considerá-la ao máximo, e sugere, continuamente, que o que a torna tão desprezível para a sua comunidade é a sua infinda insatisfação com uma realidade que a impulsiona a buscar conhecimento de vida, pois, no íntimo de seu ser, Melanctha Herbert sabe que aquelas pessoas são falsas, e ela precisa saber da verdade. Porém, ao perceber que Melanctha não está interessada em parar ou, muito menos, em fingir que mudou, apostando em uma vida de aparências como Rose, decide puni-la por sua independência e mata-lhe, subitamente, como uma prova de que a sua vida de leviandade deveria ser findada posto que seria incapaz de mudar.

Portanto, a compreensão do funcionamento da estrutura, no qual o narrador utiliza suas personagens como ferramentas para obter transformação por parte de Melanctha, é de vital importância para que ocorra um entendimento do nível discursivo da narrativa, pois o narrador não seleciona e desenvolve o caráter e as ações de seus personagens ao acaso.

5. Considerações finais

Após décadas de luta para o reconhecimento de negros enquanto pessoas, *Melanctha* soa como um retrocesso de ideias, pois agrega aos seus personagens valores negativos, sempre que tenham ligação com o que é não-branco.

O enunciado, desde o seu início, ainda no nível fundamental do sentido, fornece ao enunciatário as ferramentas para que se chegue às conclusões de que há um grupo a ser excluído e, outro, a ser respeitado. A protagonista do enunciado, entretanto, perambula no meio dessas definições fechadas, mesmo que o enunciadador a coloque como uma pessoa “quase branca”, merecedora das atribuições conferidas a grupo idôneo.

Contudo, quando Melanctha Herbert demonstra ter orgulho da comunidade que integra, pois reconhece a força que provém de seu pai, um negro, e que gosta de conhecer os mistérios que rondam a cabeça e o coração de negros, o enunciadador começa a traçar a sua derradeira vingança,

desde que alguém que tem a chance de ascender, de sair do limbo social e evoluir para uma, em teoria, comunidade civilizada, ou como o enunciador alcunhou, decente, não merece piedade.

O enunciado desenvolve a retórica de que negros devem relegar seus costumes, aos seus irmãos, para abraçar a moral branca, pois apenas dessa forma pode-se ter uma vida respeitável, mesmo que seja apenas de aparências; é melhor que se viva uma mentira do que expor a verdade de seus atos. Assim como fornece a perspectiva de que homens sabem o que é melhor para as mulheres, e que elas devem ser guiadas por seus pais até que se casem.

Mas o enunciado não representa a suposta verdade que oferece ao enunciatário, pois, mesmo que os seus conselhos sejam ouvidos, pessoas negras ainda carregarão a alcunha de rudes e vulgares. O descrédito que proporciona ao relatar o suposto ódio que negros sentem por si próprios e a vergonha de seus costumes é apenas mais um estereótipo acerca de comunidades negras e suas crenças, pois, até mesmo no início do século XX, negros já se reuniam para pensar em formas de lutar por melhorias sociais e seus direitos. Assim como a rivalidade entre Rose e Melanctha, restrita à cor mais clara da última que é uma ofensa a tudo o que se estuda sobre colorismo — teoria que discorre sobre a inexistência ou não de privilégios de negros mais claros. Além do mais, “sexist thinking made us judge each other without compassion and punish one another harshly”³ (HOOKS, 2000, p. 14). O machismo inerente ao pensamento “progressista” do início do século XX fazia com que mulheres se submetessem aos homens para que obtivessem respeito.

Portanto, para uma novela considerada progressista em seu tempo, nada mais é que a reprodução e reforço de estereótipos que tornam o convívio igualitário e o respeito entre pares, independente de etnia, uma utopia, mesmo que se tenham passado 110 anos, desde a sua publicação. Não se pode afirmar qual o propósito de Gertrude Stein quando desenvolveu os alicerces para a construção de *Melanctha*, ou qual o impacto gostaria de causar, mas, hoje, podemos afirmar que a novela que escreveu é uma faca de dois gumes: ousada para o período, mas superficial e estereotipada para qualquer que seja a época.

Referências

ABREU, Andreia Manuela Passos. **Gertrude Stein e o Cubismo Literário**. Dissertação (Mestrado em Estudos Americanos) — Porto: Universidade Aberta, 2008.

³ “O pensamento sexista nos faz julgar umas às outras sem compaixão e punir-se, duramente, mutuamente.”

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista das revistas**. São Paulo, v. 11, p. 173-191, 1991.
- DANIEL, Lucy. **Gertrude Stein**. Chippenham: Reaktion Books, 2009.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- ENGLISH, Daylanne K. **Unnatural Selections: Eugenic in American Modernism and The Harlem Renaissance**. Carolina do Norte: The University of North Carolina Press, 2004.
- FIORIN, J.L. Teoria dos signos. In: _ (org.). **Introdução à linguística**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 55-73.
- GALE, Thomas. (org.). **Melanctha: Short Stories for Students**. Minnesota: The Gale Group, 1999.
- HOOKS, Bell. **Feminism is for everybody**. Cambridge: South End Press, 2000.
- LUCARELLI, Jason. Using Everything: Pattern Making in Gertrude Stein's *Melanctha*, Robert Walser's *Nothing at All*, and Sam Lipyte's "The Wrong Arm". **Número Cinq.** 12 Ago 2013. Disponível em: <<http://numerocinqmagazine.com/2013/08/12/using-everything-pattern-making-in-gertrude-steins-melanctha-robert-walsers-nothing-at-all-and-sam-lipytes-the-wrong-arm-essay-jason-lucarelli/>> Acesso em: 20 Jun 2017.
- KARNAL, Leandro. (et al). **História dos Estados Unidos: das origens ao século XIX**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2005.
- SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (org.). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.
- SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- SOUZA, Marcos Aurélio dos Santos. O entre-lugar e os estudos culturais. **Travessias**, Cascavel. v. 1, n.1, p. 1-13, 2007.
- STEIN, Gertrude. **A autobiografia de Alice B. Toklas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- STEIN, Gertrude. **Três Vidas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- WARE, Vron. (org.). **Branquidade: Identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond: 2004.
- WILL, Barbara. **Gertrude Stein, Modernism, and the Problem of "Genius"**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 200.

Recebido em 06/08/2019.

Aceito em 15/02/2020.